

Histórias
pra gente
Entocada



Levis





historinhas

1. A Cambadinha do Rio Cocó
2. Nariz Quebrado, Anos Depois
3. A Anti-Nárnia
4. Os Confradinhos Acocados
5. A Duquesa dos Céus
6. O Jangadeiro

Histórias pra
Gente Entocada
Por Levis

A Cambadinha do Rio Cocó

Na beira do rio Cocó, perto do Iguatemi, existe uma cambadinha que vive no mangue e passa o dia frescando. São um grupinho de simpáticos sapinhos que todo sábado se juntam pra fazer churrasquin de mosca, um forrozin pra torar no paredão, tomar banho de manancial e dançar a pisadinha. Eles não são nem besta. Quer dizer, um deles é meio besta, o Flávio. Os coleguinhas são: o Kero-tan (o herói da nossa história), a Nico, o Flávio e o Douglas.

Num desses dias eles iam fazer campeonato de quem desce mais a dose de lodo, mas o Flávio tava demorando à beça pra chegar. Eles desistiram e ficaram se coçando. Quando já era tarde, lá vem o Flávio:

"Faaaaaala galerinha do mal... e aí minha fauna predileta... desculpem a demora... me sinto meio pesado...lento véi..."

"Flávio, como demorastes meu trastes! Isso lá é hora rapaz! Tome tento!"



Isso foi o Douglas que disse quando eles fizeram uma rodinha ao redor do Flávio. Acontece que Flávio realmente estava meio gordin. Gordin é maneira educada de falar, o bicho parecia um balão verde inflado.

"Flavinho, tá aproveitando a vida, hein! Lanchando de mais e queimando calorinha de menos! Comestes uma mosca do tamanho de uma bila, meu esverdeado?"

"Amigos, não sei o que me acontece... não tenho almoçado mais do que o costumeiro... só me sinto maior... uma queimação por dentro... uma coisa maluca..."

"Maluco é esse seu diâmetro coleguinha! Tá de mutação? Vão sair dois Flávios daí? Flavinho agora é nosso amigo esbanjando saúde."

E desceram doses de lodo até ficarem de boa na lagoa do cocó. Na segunda-feira, eles foram tomar um açáizinho verde na sapolândia. Chegaram lá e haviam muitos sapinhos com dor de barriga de terem comido tanto açáí. Coaxaram pra fora dali, e entra a cambadinha. Quer dizer, só a Nico, o Kero-tan, e o Douglinhas. O Flávio não conseguia passar pela porta, então eles ficaram puxando ele pra dentro. O dono ficou !!!

"Que doidisse é essa aí rapaz! Tá vendo que o indivíduo vertebrado não consegue entrar!!!"



"Que cunvessa de não entrar meu ancião! Acontece que sua porta é pequena demais pro nosso grande amigo Flávio."

"É, grande mesmo! Enorme! Gigante! Abissal!"

"Já entendemos, meu dono do estabelecimento!"

"Tão vendo que ele não consegue entrar, seus safados. Parem de ficar empurrando, vai azedar meu açai!"

E acabou que eles botaram o Flávio pra dentro, mas acabaram do lado de fora e não dava pra entrar. O bar de açai era pequeno demais. Estavam falando pela cidade que se Flávinho crescesse mais, ia derrubar tudo. Ia ficar do tamanho do shopping. Kero-tan disse aos desalmados pra cuidar da própria vida, ver se tinha alguma louça pra lavar ou meta de vida que eles não estavam se dedicando.

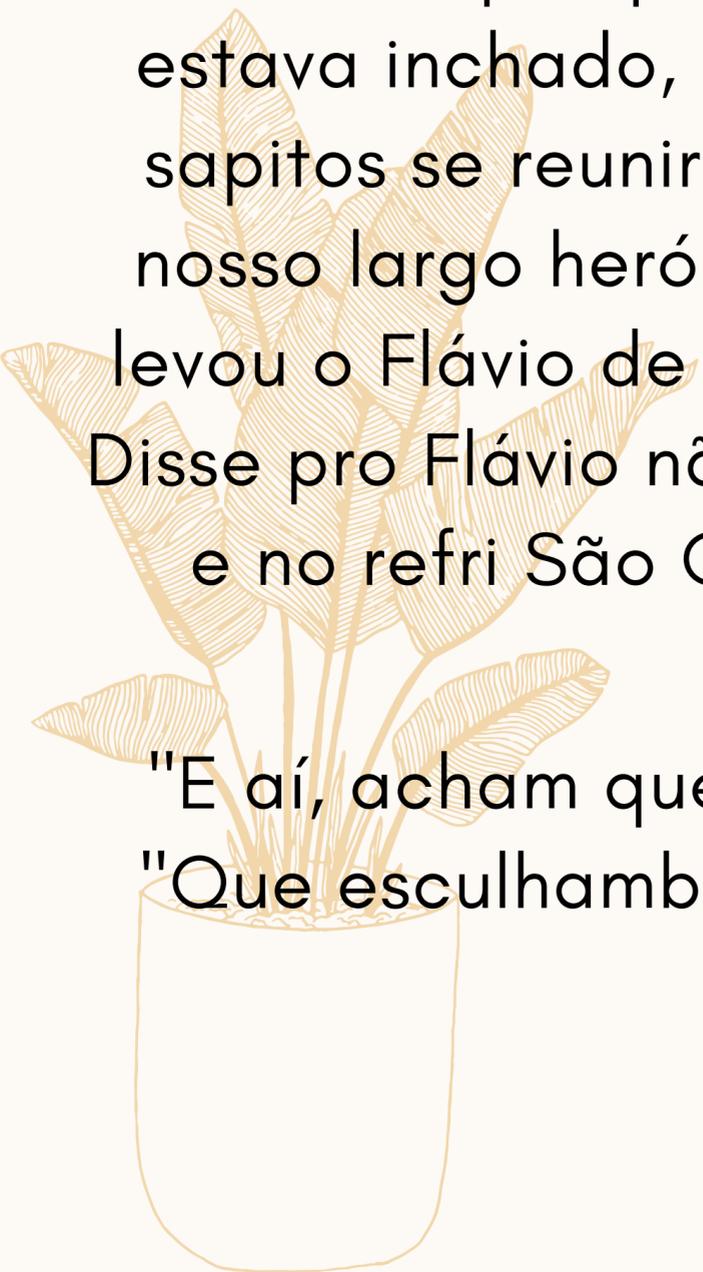
Mas de qualquer forma, era verdade que Flávio estava inchado, nem conseguia falar direito. Aí os sapitos se reuniram para planejar uma dieta para nosso largo herói. A Nico, que era torada e atleta, levou o Flávio de motoquinha na academia das rãs. Disse pro Flávio não tocar mais no biscoito recheado e no refri São Geraldo. Voltou nos coleguinhas saposos.

"E aí, acham que ele vai sair daí todo pererecado?"

"Que esculhambação é essa, Douglas. Não é rápido desse jeito."

"Pode crer. Vamo comer bolacha?"

"Vamo."



E ficaram comendo bolacha esperando o Flávio sair todo pererecado da academia. Esperaram o dia inteiro enquanto ele suava o suvaco. Qual foi a surpresa deles quando mais tarde, as rãs levantaram ele e jogaram ele pra fora da academia!!!

"Que maluquise é essaAAAAAArapazssssssss"

"O amigo de vocês não cabe nem nos equipamentos! Além disso, ele não sabe que quando tem uma toalinha no equipamento é porque alguém está guardando. E tome tento!"

"E tome vergonha na sua cara, rã da desgraça! Fedorenta."

E quando pegaram o Flávão, constaram que realmente ele estava realmente grande a ponto de que, se continuasse crescendo, ia ficar maior que a cidade, o Flazilla. Aí eles sentaram e ficaram pensando o que fazer.

"Vamo levar ele no lago longe daqui?"

"Não, vai que ele afugenta as moscas. Ah, e se afoga."

"Que tal a gente jogar ele num buraco enquanto pensa o que faz?"

"É o quê, Douglas?"

"Você tem uma ideia melhor?"

"Não..."

"Então pronto."

E cavaram uma vala e jogaram o Flávito lá dentro.

"Tudo bem por aí, Flávio bila?"

"Unhum..."

"Vamos jogar cartas. Sabe jogar trinca?"

"Unhum..."

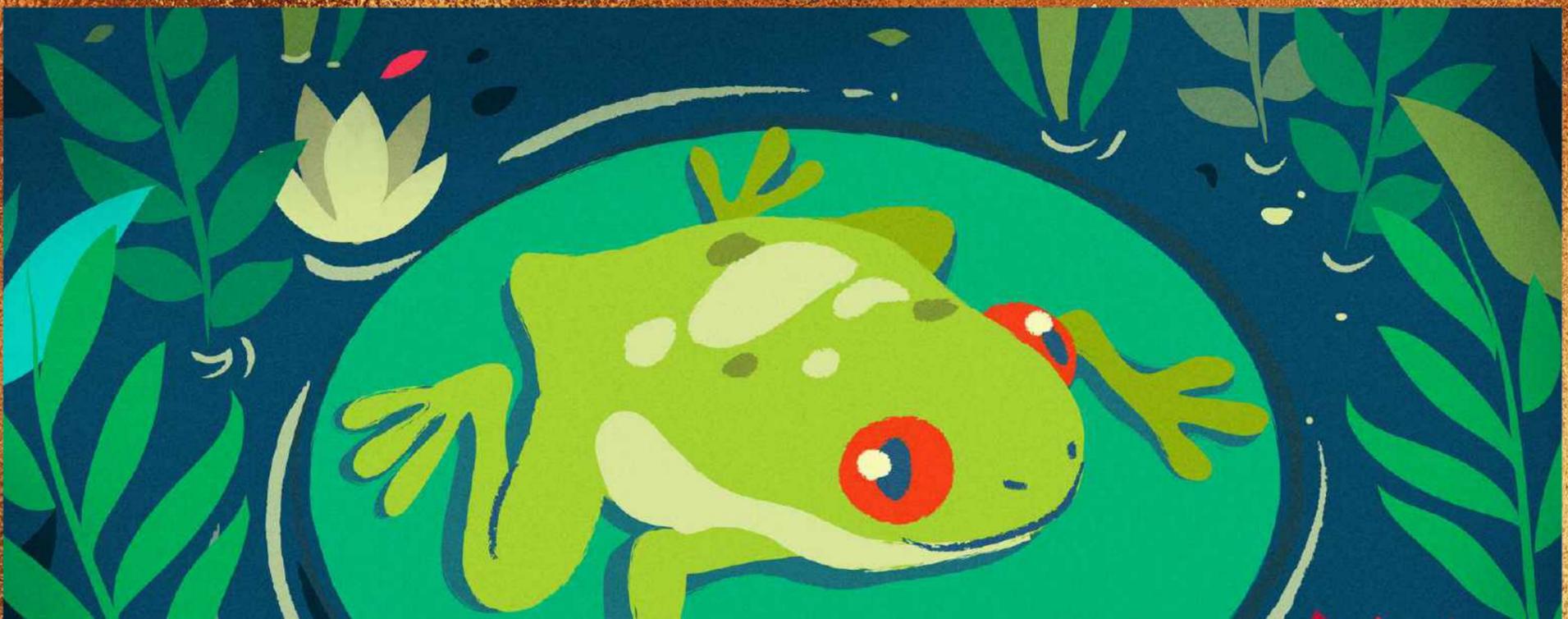
"Pois toma aqui as suas. Você fez três já? Ow mentira. Me mostra aí pra eu ver."

"Unhum... Hehehe..."

Trouxeram uma placa pra fincar no chão escrito assim: perigo, sapão adiante. Não dê biscoito recheado. Só que o que aconteceu? A Nico estava pregando o prego na placa, deu uma martelada errada e o prego saiu voando! Todo desmoralizado.

Caiu logo em cima da cabeça de Flávio, que papocou e explodiu!!! Dessa esculhambação saíram mil flavinhos, 200 girininhos baita safados. Kero-tan, Nico e Douglas viraram tios e tias! Acontece que Flávio estava grávido e não sabia. Acontece com os melhores! Agora, Flávio, que nunca deu trabalho, agora está trabalhando para alimentar sua prole.

Acabou a raparigagem, e acabou a história! Irra!!!!



Nariz Quebrado, --- Anos Depois

Alice estava sentada no sofá de casa, despercebida de que era a primeira vez em anos que reparava na mobília da mãe. Até mesmo sentar-se, sentir o tecido com a ponta dos dedos, recostar-se descansando o corpo, tudo era novo ainda que haviam se movido para aquele novo apartamento faziam anos. Três? Quatro?

Não sabia, mas acabou por coincidir com sua entrada na faculdade, e por esta razão não parava mais em casa por motivo outro que não fosse dormir.

Estudava na biblioteca, almoçava no Restaurante Universitário, e nos fins de semana saía com a mãe para o shopping ou a praia.

Tinham um relacionamento bom desde que o pai saiu das suas vidas. Aproximaram-se bastante, ainda que cada uma no seu canto: sua mãe dedicava-se mais ao trabalho do que qualquer outra coisa em sua vida e Alice, aos estudos. Genética é uma coisa forte, como geralmente é o que corre no sangue.

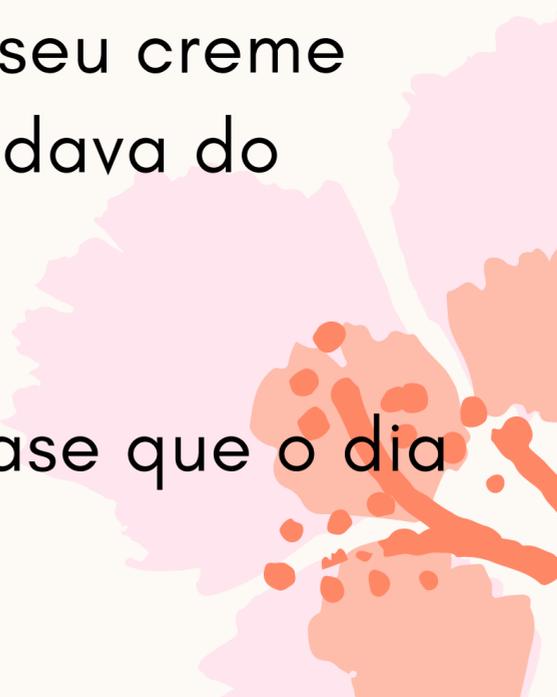
Pela primeira vez nesses anos, Alice teve o mais próximo de um período de férias, pois o hiato da quarentena afetou as atividades de sua bolsa, seu TCC e seu projeto de mestrado. Sua orientadora, uma senhora doce e decidida muito hábil com as palavras, estava agora num leito de hospital respirando com auxílio de máquinas.

Eventualmente, Alice sabia, tudo ficaria bem. Mas no momento o choque do imprevisto - tanto advindo do confinamento quanto da internação da professora - havia amassado seus planos. Alice é boa em fazer planos, mas ela é péssima em refazê-los.

Tomou mais um colher de iogurte e colocou na mesa. Todos os dias pareciam domingo, mas não se podia ir ao teatro ou ao cinema. Percebeu que não via a menor graça em assistir a filmes na televisão, é algo diferente, a tela é pequena, não se caminha até o lugar demarcado na compra do ingresso, não há nem compra do ingresso em primeiro lugar.

Notou que muitas maravilhas da sua vida residiam no ritual. Por este motivo ela se levantava na hora exata todas as manhãs, banhava-se, passava seu creme hidratante, vestia um bonito vestido, cuidava do cabelo e do rosto.

Mas sentava-se no sofá e lá ficava quase que o dia inteiro, entediada com o celular.



Sua mãe a elogiava, enchia de beijos, disse que tinha ido na padaria e comprado algo gostoso para ela. E voltava a vestir o mesmo pijama de bolinhas verdes. Alice o considerava super tosco, e secretamente gostaria que sua mãe vestisse algo bonito para o home office imposto pela empresa.

Mas sabia que assim a mãe estava mais confortável e isso era bom. Mas precisava mesmo ser nesse pijama desbotado?

Alice não era capaz de focar em nada nesse momento estranho da vida e estava muito próxima de um ataque de nervos, mas mantinha as aparências muito bem porque era capaz de espairecer e por um momento não pensar em mais nada.

Mas tudo o que havia estudado para o TCC aparentemente não estava mais em qualquer lugar da sua mente, embora às vezes ela procurasse bastante ou tentasse estudar para reviver as memórias.

Nada. Silêncio.

Os pensamentos se abriam e se fechavam. Como se dispersos pela neblina. Como seu espelho embaçado após o banho, desnecessariamente demorado.

- Alice, vou fazer uma omelete, você vai querer?
- Queeeeeeeero.

Alice, olhando o celular, deparou-se com a foto de uma amiga de infância chamada Júlia. Não se falavam a não sei quanto tempo. Desde a época de colégio? Júlia estava com o cabelo mais longo. Ombros mais largos. Fora isso, era a mesma Júlia de 8 anos atrás.

O namorado por trás, com os braços entrelaçados sob a barriga, segurando sapatinhos de nenê. Júlia estava grávida, comprovou a legenda da foto. Bom, aqui vemos mais um mudança da Júlia de 8 anos atrás.

A legenda dizia algo como estamos muito felizes, nova etapa de vida, que Deus nos acompanhe nessa jornada, etc e tal.

Alice tinha 14 anos a oito anos atrás. Júlia disse para ela, "não posso, eu quero ser mãe". Antes disso as duas estavam no campinho voltando para casa depois de terem ido ao mercadinho.

Falavam sobre tartaruga de chocolate e qual parte comiam primeiro. Júlia disse, "ei, tá vendo aquele poste ali bem longe?". "Tô sim". "Vamo apostar corrida. No três". "Tá bem". "Três!"

E as duas correram como o vento em direção ao poste, mas Alice tinha o corpo esticado e desengonçado nessa época e ficou para trás.

Júlia estava muito na frente, mas não muito, um pouco mais de esforço e era capaz de a ultrapassar. Chegou bem perto e Júlia caiu com tudo no chão.

“Júlia! Júlia, tudo bem?”

Júlia estava bem. Levantou-se sem dificuldade, e com a mão meio ralada recompôs a camisa e as compras que havia deixado cair.

Alice olhou para o seu rosto e seu nariz era um ponto vermelho e preto.

“Júlia, seu nariz tá sangrando muuuito”.

Foram até uma torneira que ficava ali perto. Resolveram ficar sentadas na calçada enquanto Júlia segurava o nariz.

Decidiram não voltar ainda; a mãe de Júlia duvidaria muito da história de que ela havia simplesmente caído e não a deixaria sair de casa por um bom tempo. Considerava a filha uma mentirosa, e era milagre que deixasse sair.

“E aí, tá melhor? Ainda tá escuro?”

Alice olhou por um tempo o rosto da amiga. Virou o rosto. “Que foi, amiga? Tá pior?”

“Júlia, posso te dar um beijo?”

Júlia ficou ainda mais vermelha que seu nariz. Não respondeu nada. Olhou em volta.

“Não, claro que não. A gente é amiga.”

Alice não disse nada.

“Vem, vamos voltar. Tá bom já”.

As duas pegaram as compras e andaram alguns passos.

“Tá. Só um beijinho, tá? E não pode contar pra ninguém. Isso nunca aconteceu. Jamais.”

“Não, tudo bem, a gente é amiga, como você disse”

“Eu quero agora. A gente continua a ser amiga.”

“Tem certeza?”

“Tenho. Vem.”

Alice não sabia o que fazer, então só encostou os lábios levemente em Júlia. A partir daí, parecia algo automático. Como se já soubesse de tudo. Como se estivesse simplesmente acontecendo. Alice se sentiu aquecida, o rosto vermelho como fogo se alastrando.



“Ai, cuidado com o nariz”

“Desculpa.”

“Você iria querer isso? Quer ser mais do que amiga?”

Alice ficou sem palavras.

“Tipo, eu não poderia, sabe. Eu quero ser mãe...”

“Ah, tudo bem. Sem problema. A gente continua amiga.”

Voltaram sem trocar palavras para casa, e a mãe de Júlia trancou ela por um tempo, mas depois a deixou sair. Foi como se tivesse sido hoje.

Mas eram 8 anos atrás. E agora Júlia era mãe, ou ao menos grávida, e estava pequeninha no celular de Alice.

Ela bloqueou o celular e se perguntou o porque dessas memórias estarem tão vivas, dela se lembrar tão bem.

Júlia era tão bonita.

Disse à mãe, “se essa quarentena continuar por mais tempo, eu vou ter um derrame”. As duas riram e terminaram a omelete.





a anti-Nárnia

Lá vai uma coisa doida que aconteceu no meu tempo de quarentena, ou no mínimo diferente. Notei que quando abro a porta de saída da sala da minha casa, sim, essa mesma, a fronteira que antes definia os limites entre minha casa do lado de cá e a não-minha-casa do lado de lá, eu vejo mais minha casa. Sim, você entendeu mal. É assim: quando eu abro a porta pra sair da minha casa, eu entro na minha casa.

Ainda não captou a ideia? Pensa numa anti-nárnia, uma nárnia às avessas. Se eu não me engano lá eles tem um armário que dá pro reino encantado da neve e do tigre falante. É bom demais ter um desses em casa, o quanto de dinheiro deve se economizar em passagem aérea. Em pleno século XXI e as pessoas viajando de trem, pau de arara, ônibus fretado, quando podiam só se enfiar na gaveta.

Mas enfim. Nárnia é essas mil maravilhas do transporte alternativo e a porta da minha casa dá na minha casa. Não sou bom com palavras, então não vou saber te explicar melhor do que isso. Vou tentar pela repetição. Imagina a cena: você abre a porta da sala, que dá na sala. Não tem "mais sala". É tipo um reflexo da sala. Mas você pode entrar na sala. Você pode colocar o pé direito na sala 1 e o esquerdo na sala 2. É a mesma casa. Tremi.

Por uns dias eu achei o negócio todo muito estranho. Claro que fiquei pulando de um lado pro outro pra ver se não tinham só esquecido um espelho e se o tal do isolamento social não estava me deixando tam-tam.

Tive a ideia de chamar por alguém nessa segunda casa, vai que aparece um segundo eu. Mas morri de medo da ideia, porque não queria me deparar com outro eu.

Talvez você entenda, não estou cheirando muito bem nem trocando muito de pijama nesses dias, e a dispensa anda meio vazia... enfim, tenho meus motivos.

E por isso só tranquei a porta da sala. E coloquei uma cadeira nela. E botei um cofre em cima da cadeira caso empurrassem. E em cima do cofre botei uma régua de metal daquelas que fazem um barulho estrondoso quando caem, só pra, você sabe. Estar seguro e preparado.

Mas o tempo passou e nada acontecia. E eu estava ficando meio cansado de passar o dia inteiro fazendo muitos nada.

Daí tive de explorar a segunda sala, é claro, até porque senão não haveria história.

Eu sei que bati na porta, só um toc toc prático.

Ouvi um toc toc de volta e praticamente morri do coração. Segurei a régua como se fosse a espada de Seu Jorge, banhada com água benta anti-babaus do mau.

E continuei batendo na maldita porta, uma, duas, três vezes, e sempre ouvia dobrado. Sofri nesse dia, tenho quadro de cagaço diagnosticado.

Não sou muito bem um explorador nato. Mas quando você passa, dez, vinte, trinta dias em casa a sua mente começa a zanzar por aí e ter ideias mequetrefes.

O que eu fiz? Me enrolei com um monte de saco plástico, máscara no rosto, na testa, no cabelo, nos ombros, óculos de natação na fuça. Eu estava mais com medo do vírus do que o que esperava por mim detrás da porta.

E calhamos, eu mesmo não me aguento, não vou me aguentar se eu encontrar outro de mim. Pior ainda, é mais concorrência. Meu campo de trabalho é tão concorrido, poucas vagas no mercado. Se eu perdesse pra mim mesmo na queda de braço, eu não sei o que me faria.

Pior ainda, vai que é minha versão do futuro pra se vingar das cagadas que eu fiz no passado?

Era só o que faltava, eu agiota, voltando no tempo pra reclamar daquela dívida que hoje está pequenininha mas que amanhã vai virar uma bola de neve de juros e calhanagens do banco.

Enfim, eu tinha tudo pra não ir. Mas lá vou eu, porque não sou bom em ter controle da minha vida nem tomar decisões e muito menos quando não tem a sociedade pra mandar e desmandar em mim.

Fui lá, e abri a porcaria da porta (e também pensei positivo: se eu encontrasse outro eu, podíamos unir forças produtivas: um vai pro trabalho um dia, e o outro vai no trabalho no outro dia; assim dispomos ambos do dobro de feriados; se tudo falhasse, eu poderia pedir dinheiro emprestado para mim mesmo – lembrar dessa dívida aí foi pancada)



E, sinto-lhes dizer, principalmente pra você que está esperando um conto incrível de assombração e alma penada, que não havia ninguém nessa outra casa. Eu sei porque derrubei a régua e ninguém deu gritinho agudo nenhum. Daí rolou também uns “oi!”, “alguém aí”, e “posso pegar um biscoito na dispensa?”.

Ninguém respondeu então bati um belo de um rangão.

E comecei a pensar nas vantagens da casa dupla. Puxa, o dobro de metros quadrados, que legal. Mais espaço pra chamar os amigos e rever o final da libertadores. Quem sabe até deixar a louça toda suja, e no dia seguinte é só ir pra segunda casa, onde a louça tá limpinha. Cara, o quanto um corretor vai dar de valorizada?

Eu precisava testar a teoria na hora, né. Então aproveitei o potão de cereal que eu estava degustando e deixei cair o leite todinho no chão. Fui correndo na outra casa pra ver. Você não imagina a minha decepção. Tudo sujo. Puts. Que desgraça.

Comecei a entrar numa bad sem tamanho por causa disso, o que resultou numa enxurrada de pensamentos ruins. Como o entregador vai deixar minha pizza agora? Vai jogar pela janela? Como eu é que eu vou no vizinho agora pedir um ovo pra bater aquela omelete fenomenal? Pra quem que eu vou pedir dinheiro emprestado agora?

Fiquei triste, deu uma claustrofobia maluca. Quarentena era pra ser tempo de paz, rapaz. Era pra ser um comentário social anticapitalista, tempo pras pessoas valorizarem família, cachorro, papagaio, tentar umas coisas novas, um artesanato, origami, desligar a cabeça do trabalho, aí os caras me vem empurrar home office? Pô, assim não dá, mermão!

Ah é, e ainda tem esse experimento arquitetônico aí de casa dupla, negócio de não lugar, pô, eu não quero viver em espelho não!

Fui pro meu quarto, tristonho. Não se pode ter um minuto de reflexão, encarar diabo de crise global, gente morrendo adoidado, e os caras querem que você seja produtivo.

Fiz o que eu faço de melhor quando me deparo com uma situação que exige esforço meu: dei um cochilinho.

Acordei sei lá que horas, de que dia, um pouquinho babado. Só mais ou menos, não era muito não. Com uma fome, ó.

Abri a dispensa e dei graças aos céus ser uma casa dupla e não uma casa metade. Já pensou abrir a porta do quarto e ao invés de dar na sala, dar na esquina.

Aí sim, podem me enterrar.

Tomei umaszinha só pra comemorar que a casa era dupla e não metade, e o quanto eu fui otimista e esperançoso ao lidar com a situação, só pensei em coisa massa e passou a bad, me garanti.

Cochilei.

Rapaz.

Chega dei uma pausa aqui.

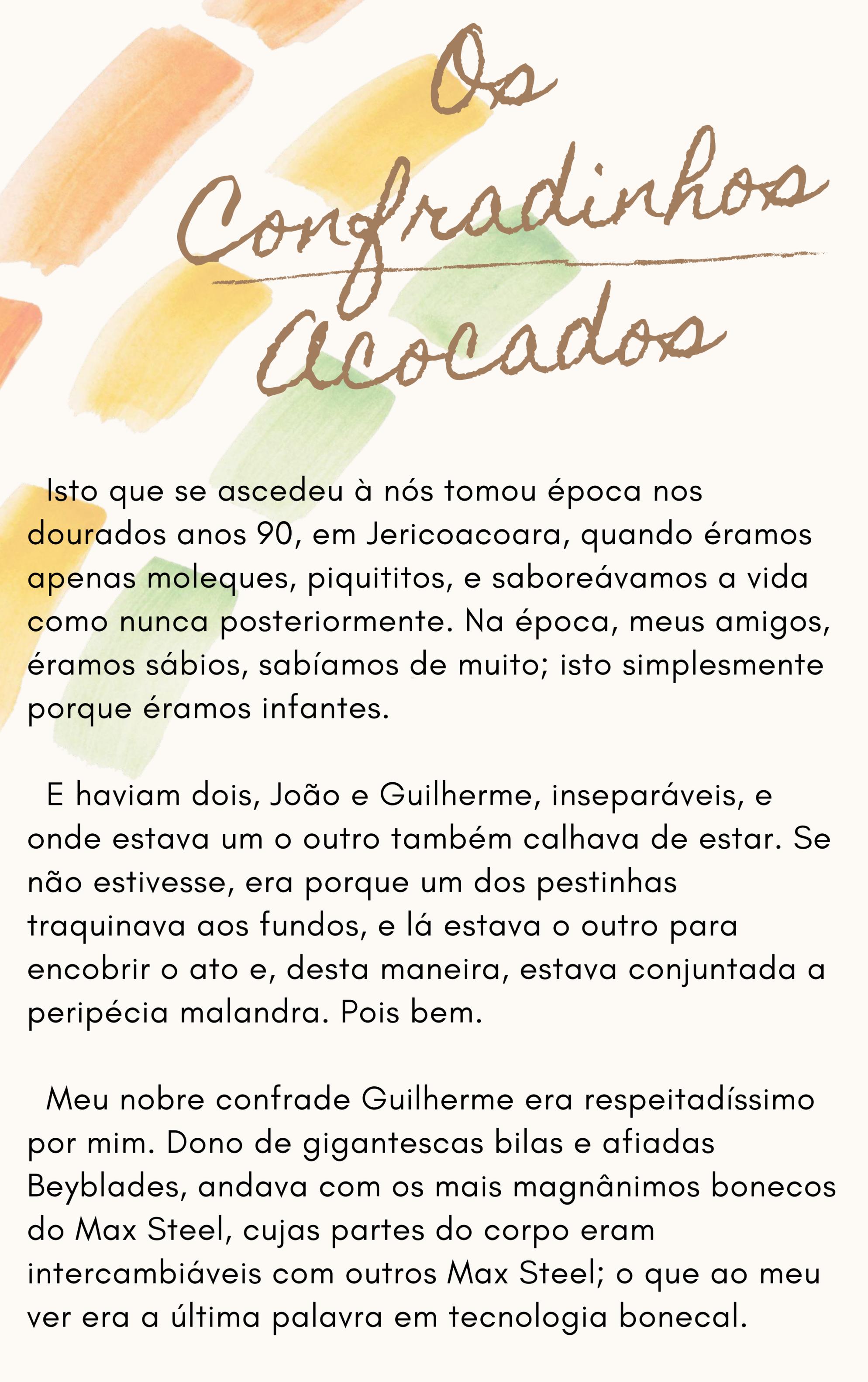
Eu sei que enquanto eu estava deitado, ouvi o armário do meu quarto abrir, sons de passos pela casa, bem de fininho, abrir a porta da sala, e fechar devagarinho.

Me levantei, e lembrei que não sei se estou na minha casa original ou na segunda casa.

O que eu sei é que o cagaço medonho que eu tô não vai me deixar decidir onde olhar primeiro: no armário anti nárnia, ou na porta da sala.

Lascon-se





Os Confradinhos Acocados

Isto que se ascedeu à nós tomou época nos dourados anos 90, em Jericoacoara, quando éramos apenas moleques, piquititos, e saboreávamos a vida como nunca posteriormente. Na época, meus amigos, éramos sábios, sabíamos de muito; isto simplesmente porque éramos infantes.

E haviam dois, João e Guilherme, inseparáveis, e onde estava um o outro também calhava de estar. Se não estivesse, era porque um dos pestinhas traquinava aos fundos, e lá estava o outro para encobrir o ato e, desta maneira, estava conjuntada a peripécia malandra. Pois bem.

Meu nobre confrade Guilherme era respeitadíssimo por mim. Dono de gigantescas bilas e afiadas Beyblades, andava com os mais magnânicos bonecos do Max Steel, cujas partes do corpo eram intercambiáveis com outros Max Steel; o que ao meu ver era a última palavra em tecnologia bonecal.

Ora, seu sócio não ficava atrás só porque não possuía tantos vinténs no cofrinho como meu abastado colega. Logo após o período escolar, encontrava-se com o picolezeiro na saída do colégio e dele obtinha os mais saborosos picolés pardal, de sabores brigadeiro, tapioca e margarina, os quais dava de presente para as moçoilas de minha classe. Ficavam todas gamadinhas nele, dono dos picolés gostosos; era ele o maioral colegial. Pois bem.

Certa ocasião, aproveitando o doce caule da vida, caminhavam despreziosos pela areia batida, incertos de qual seria a bola da vez. E eis que meu compadre Guilherme verbaliza, “ó querido compatriota João, como são lindas as árvores e o ressoar do canto dos pássaros por toda a costa!”

Ao que ele responde, “decerto, colega Guilherme; o sol escaldante é amigo dos peixes, o ar que respiramos é puro, nossa vida é perfeita na sua falta de aflição”. Na época tinham 8 anos.

“Não posso deixar de admirar seu excelentíssimo porte físico, colágeno João; percebo agora que está em proeminente situação. Sua mãezinha o alimenta bem, com os melhores fermentos e óleos, é certamente notável” “Aonde está querendo chegar, compatriota Guilherme? Vamos, chega de rodeios – direto às intenções”

Ora, seguiu Guilherme. Vês aquele frondoso coqueiro com o qual nos abençoou o bom senhor? Assim como os animais que caminham na terra e como as leguminosas que expandem suas raízes no subsolo, creio também que seja nosso para governar. Mas um impecílio nos impede de degustá-lo, você vê? Ora, está murado, nobríssimo João! Uma cerca de tijolos e concreto impede-nos de nos banquetearmos dos seus abundantes cocos. Isto não deveria ser permissível pela lei, estou certo, meu confederado?

Sim, corretíssimo, meu amigo; este senhor - se é que o autor de tamanha afronta possa ser considerado um ser humano - desconhece que a regra maior é a da partilha entre irmãos. Vamos rápido, Sr. Guilherme, vamos mostrar-lhe o que é justiça de verdade. Apanharemos-lhe o coco e com esse simbólico gesto diremos não aos injustos limites da propriedade privada, que com sua mão pesada e ditadora impede o companheirismo entre iguais!

E os dois garotos, ávidos por ação e por ter o que fazer, rumaram velozes em direção ao muro, o escalando como verdadeiros heróis de noveletas. Em um instante estavam defronte ao prêmio: cocos verdíssimos como as águas doces, mais verdes que a íris de donzelas, mais verdes que o Shrek II, que seria o filme favorito do João por demasiado tempo, mas somente no por-vir (nesta época, o videoteipe ainda não havia chegado a Jericoacoara).

E banquetaram-se da água de coco, límpida, altamente frutosa, mágica em seu sabor de natureza. E ficaram no topo do coqueiro, de barrigas infladas, regurgitando a própria saliva para resplandecerem-se com o doce gosto mais e mais uma vez. “Diga-me, comprimido João: porque ainda não há um picolé de sabor de coco?” “Desconheço o motivo, compartilhado Guilherme; o tolo senhor dono da indústria de picolés é um mago na mutação do gomo da fruta para o quitute gelado; no entanto, prova-se sem o menor tino para os negócios, visto que foi incapaz de viabilizar para nós infantes o picolé de sabor de coco”.

“Proponho-lhe o seguinte. Desçamos desse tronco paradisíaco de retorno para o reino dos homens. E seremos sócios nessa nova firma, que desbancará a pardal. O picolé de coco terá o melhor dos índices de venda, entre qualquer quitute, salvo pelo chilito de queijo; cujo aroma se sente à numerosas milhas”

“Temos um acordo, mounsier Guilherme. Desçamos, sim?” E foi nesse exato momento que ouviram aproximando-se um bramido terrível, de assustar qualquer ser vivo; uma besta abissal altamente temível que fazia um escandaloso baubaubau – um cão da raça Pit Bull Terrier, malvado, malvado, malvado!

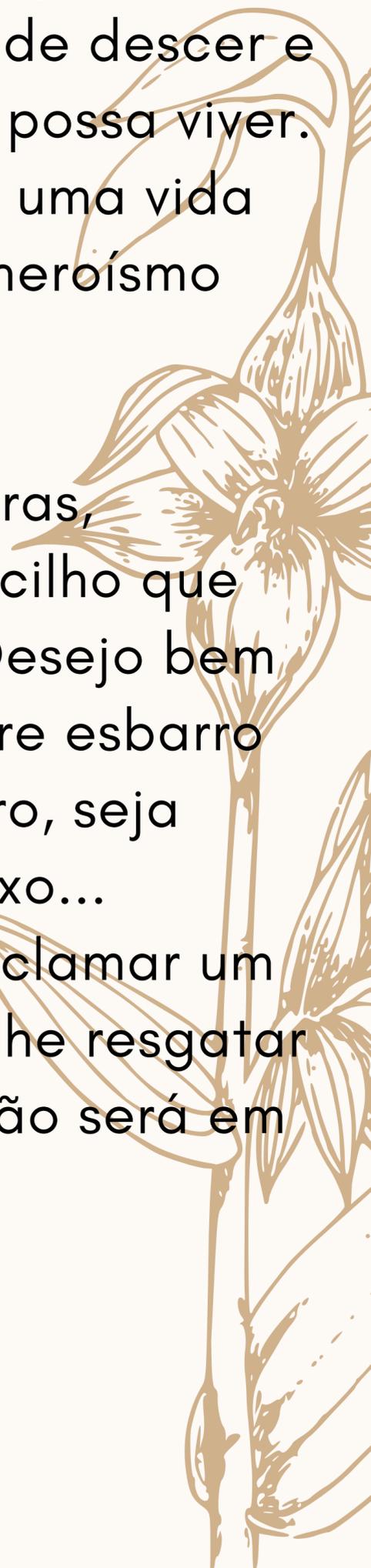
“Parece que estamos em maus lençóis, meu entusiasmado” “E como estamos, meu degenerado”. E de lá não saíram por algum tempo. A tarde caía, ao contrário dos pivetes. Pois bem.

E como sabemos, o terror cria conflito no coração dos seres humanos. E uma criança disse para a outra:

“Miserável amigo! Crápula, diz aos ventos que é tão forçado e corajoso; no entanto é incapaz de descer e servir de sacrifício para que outro homem possa viver. Vamos, desça, covarde! Prometo-lhe viver uma vida longa e próspera em homenagem ao seu heroísmo anônimo!”

Ao que a outra retrucou: “Deixe de asneiras, tresloucado, que vossa senhoria é o empecilho que situa defronte da minha paz de espírito. Desejo bem viver, mas no caminho da felicidade sempre esbarro no senhor, brutamontes! Vamos, seja ligeiro, seja oferenda para o nobre animal aqui embaixo... Prove seu valor servindo de isca; prometo clamar um poderoso esquadrão de homens que irão lhe resgatar das entranhas da besta. Sua carnificina não será em vão...”

“Ora, seu!!!”



E calharam-se de chutar-se e inclinar o corpo para frente e para trás, objetivando esbofetar o outro para fora da arena. Caía a noite. Pois bem.

Haviam se cansado, sem resultado algum. Suaram, mas o suor secou e no momento era colado ao corpo, preguento e salgado.

Esbravejaram, mas nos arredores não havia viva alma aparentemente para escutar seus chamados.

E a lua subia no céu, pois os astros são como fiés operários da firma do universo e batem ponto no exato momento, todos os dias. Cooperam melhor que João e Guilherme, até que eu e você!

Fitaram a imensidão das estrelas. Sonharam com universos paralelos, fora do alcance deles, um na qual um ameaçador estranho ser minúsculo e invisível alastrava-se sobre a terra, obrigando gente de todo o mundo a confinar-se em suas casas temendo a visita indesejada.



Despertaram achando tudo aquilo estranho, mas confortados no fato de que em algum lugar entre os cosmos haviam pessoas tão presas em suas situações quanto eles.

Imaginaram se este era o novo normal das coisas; se sucumbiriam com o tic do relógio ou se tornariam um misto de macacos humanos que fazem de sua moradia os coqueiros, extraindo sua sobrevivência deles.

Para quem ficariam os Max Steel, para o traste do primo de Guilherme, um imprestável que abocanha todos os materiais de plástico que põe as garras em cima? Será que as moçoilas chorariam o fim dos picolés gratuitos? Pois bem.

“Acorde, João, o temível monstro não está mais à espreita!” Disse um animado Guilherme. “Onde ele se encontra, Guilherme? Podemos descer?” Comemorou atento um ansioso João.

“Decerto que sim! Olhe bem, ali debaixo daquela velha picape. O demônio é uma demônia! E está tendo sua ninhada! É o milagre da vida!”

Acocaram-se para admirar a beleza da maternidade. A cadelinha estava deitada, e de seu útero saíam pequenos lindos cachorrinhos fofinhos e nada assassinos, fazendo baubaubau querendo mamar na mamadeira! Sliu!

**E ASSIM FINDA A NOBRE
DESVENTURA DE JOÃO E GUILHERME,
NOS ANOS 90 EM JERICOACOARA,
PALCO DA MINHA VELHA E QUERIDA
INFÂNCIA. E ESTA EPOPEIA FORA A
MAIOR QUE VIVERAM, E JAMAIS
NENHUMA SUPEROU E JAMAIS
SUPERARÁ!**





A Duquesa dos Céus

Os antigos contam a história de Abigail, a Duquesa dos céus. Diz a lenda que uma fêmea de dragão-dos-alpes de nome humano Abigail planava as montanhas do norte em busca de cervos para nutrir suas crias, que logo logo chocariam quentes do ovo, assim que despontasse o fim do inverno.

Todas as manhãs Abigail percorria os céus atenta em busca de presas, e ao baixar do sol, retornava para pousar nos dois reluzentes ovos e aquecê-los sob seu ninho. Enrolada como uma serpente sob o ninho (que ela mesma construiu) no topo da mais enorme árvore da montanha, a dragão se mantinha acordada, lutando contra o sono, para manter sua temperatura e assim manter forte o calor sob sua couraça.

Era difícil, mas Abigail se contentava a cada estremecer da casca; ela parava o que quisesse que estivesse fazendo, tornava-se imóvel e atenta, e esperava ansiosa até o fim das contrações. Vez ou outra, ela afagava com sua asa um ovo recém-animado, a fim de que pudesse de alguma forma comunicar-se com ele.

Não obtinha resposta, pois não era ainda chegada a hora, e tomava cuidado para não tocar demais a casca e com isso danificá-la. Tudo no seu tempo, ela bem sabia, e ao lembrar dos filhotes se revirando lá dentro crescendo fortes à procura da vida, seu coração se enchia de fogo e nela se alastrava mais força para se manter acordada, e no dia seguinte caçar novamente ainda mais cedo, ainda mais carne fresca.

Certo dia, sob a primeira luz da geada, Abigail deixou seu ninho para atravessar os gélidos alpes em busca de um alce, pois havia notado que também sentia fome. Redobrada a atenção aos filhotes, descuidara-se de si mesma, e imaginou que se levasse desta vez um alce gordo poderia assar um dos cervos acumulados para si. Mas já havia rondado há tempos e nem sinal de nenhum alce, ou cervo, ou lobo, ou criatura nenhuma que prospera na neve. E tudo estava quieto exceto pelo uivar do vento da nevasca.

E no exato momento em que pousou a larga envergadura na neve, sentiu içar na asa direita uma corda que se prendeu firme; quando se virou para atentar-se, uma segunda corda prendeu sua perna esquerda, logo acima das garras. Rapidamente, uma nova corda içou-se contra seu pescoço, e Abigail foi sufocada por aço. Tentou alçar voo, mas não conseguiu, tentou rugir, mas grasniu. E, ainda que pondo todo a força que dispunha sob seu peito, não foi capaz de levantar-se, e voou não mais do que um palmo acima do chão. Ela mostrou suas garras, e violenta, preparou-se para a batalha.

De trás das árvores saíram os homens, que são pequenos animais pouco maiores que macacos-da-neve; vivem ao redor do lago e não são nutritivos nem de bom sabor, e alguns deles carregam consigo perigosos ferrões de aço que removem quando ameaçados. E com esses ferrões eles perfuraram o couro de Abigail, provocando lacerações e cortes que tingiram a neve branca de vermelho. Haviam tantos deles que a dragão não sabia em qual concentrar sua fúria - seu desejo era ascender aos céus e fulminar a todos com um só jato de chamas, vê-los se retorcerem enquanto queimavam até esvaída a vida. Mas não podia sequer rugir, ou rosnar, ou amendrontá-los de qualquer forma; estava completamente imóvel, detida pelas correntes e cordas.

E sob o sinal de um dos homens, o que parecia ser o líder deles, retraíram-se os ferrões e levantaram Abigail sob estruturas de madeira, as quais foram içadas e agora se moviam lentamente pelas montanhas. Abigail se debateu e novamente tentou se desfazer do aprisionamento, mas seu movimento era recebido com os ferrões dos homens, que perfuravam sua pele e suas asas, e apesar de aguentar a dor ela imaginou que se esvaziada das asas, não poderia retornar para casa voando, e assim seus filhotes morreriam de fome ao nascer.

Ela amaldiçoou os homens. Se não fossem os ovos, se não necessitassem de sua proteção, ela aproveitaria um momento de descuido do inimigo e com suas afiadas garras destruiria suas correntes, derreteria o aço, e acabaria com cada um deles. Mas ela temia por suas crias. Seu pensamento era sempre neles, e nem um minuto longe deles. Todo o percurso ela se perguntou se ficariam bem sem ela, e se conseguiriam comer e caçar sozinhos. Se por acaso caíram da árvore por acidente, se ela havia forrado o bastante o ninho para que não tivessem frio. E os homens a levaram para um acampamento, ainda com mais homens, ainda com mais ferrões afiados.



Já era noite e Abigail temia. Seu coração se enchia de medo por não saber o que era aquilo que lhe destinava, se a manteriam viva por mais tempo, se ela se comportasse e esperasse talvez a deixassem ir. Talvez chegassem a algum tipo de acordo e se entendessem de alguma forma. Não fazia ideia de suas intenções, para ela os homens não faziam nenhum sentido. E por isso eram imprevisíveis e perigosos. Ela foi carregada até uma prisão com barras de ferro, e eles riram à vê-la, a tocando, se afastando e se aproximando, desejosos e esnobes.

Abigail delirava. Sofria de sono, e de fome, e suas forças para lutar estavam se esvaindo pelo sangue que já perdera. O ferro das correntes era pesado e as cordas a apertavam tanto que ela já não sentia o calor das patas e não se via mais capaz de movê-las. Os homens tinham grandes fogueiras, e nas grandes fogueiras queimavam carneiro e o cheiro cobria o ar. Vinham com cavalos e derramavam bebida em seus copos, e bebiam como se quisessem se afogar.

Abigail sonhava em reunir tudo em suas garras, homens, carneiros, cavalos e alces, içar aos céus e alimentar sua prole. E das cascas despontariam pequenos comedores de gente, que em breve a acompanhariam nas jornadas contra o vento.

O homem líder de todos estava à sua frente. Ela não o percebeu, então ele cortou seu focinho com o ferrão. Abigail tentou rosnar, mas não era possível. O homem ergeu seu ferrão e sua ponta estava defronte a Abigail, e todos em sua volta estavam atentos. Ele levantou o ferrão, e num único movimento, ordenou que as soltassem.

As cordas foram desfeitas, e as correntes de ferro se soltaram de suas patas. Todos os homens observavam firmes e alguns se protegiam. O líder estava inerte. Abigail olhou em volta, temendo uma emboscada de algum tipo; mas se vendo livre, não pestanejou e alavancou voo de volta para casa.

Voou o mais rápido que podia. Atravessou os alpes com uma velocidade inimaginável, batendo asas mais velozmente do que permitiam os pulmões. Seu pensamento era unicamente nos ovinhos que havia deixado ao relento. Não se perdoaria por qualquer descuido.

Chegou ao ninho e tudo estava em seu lugar. Os dois ovos abrigados, como se nada houvesse acontecido; ela deitou sobre eles e se enrolou completamente, chorosa e exausta, e com suas garras removeu a corda que prendia a boca. Rugiu alto e lançou uma vermelha chama orgulhosa ao vento, para anunciar que seus filhotes estavam bem; nenhum mal havia chegado à eles, havia sido uma boa mãe.

As cordas foram desfeitas, e as correntes de ferro se soltaram de suas patas. Todos os homens observavam firmes e alguns se protegiam. O líder estava inerte. Abigail olhou em volta, temendo uma emboscada de algum tipo; mas se vendo livre, não pestanejou e alavancou voo de volta para casa.

Voou o mais rápido que podia. Atravessou os alpes com uma velocidade inimaginável, batendo asas mais velozmente do que permitiam os pulmões. Seu pensamento era unicamente nos ovinhos que havia deixado ao relento. Não se perdoaria por qualquer descuido.

Chegou ao ninho e tudo estava em seu lugar. Os dois ovos abrigados, como se nada houvesse acontecido; ela deitou sobre eles e se enrolou completamente, chorosa e exausta, e com suas garras removeu a corda que prendia a boca. Rugiu alto e lançou uma vermelha chama orgulhosa ao vento, para anunciar que seus filhotes estavam bem; nenhum mal havia chegado à eles, havia sido uma boa mãe.

Abigail aninhou-se num sono profundo. Sonhou com um frondoso alce que rondava a nevasca e havia escapado de virar jantar.

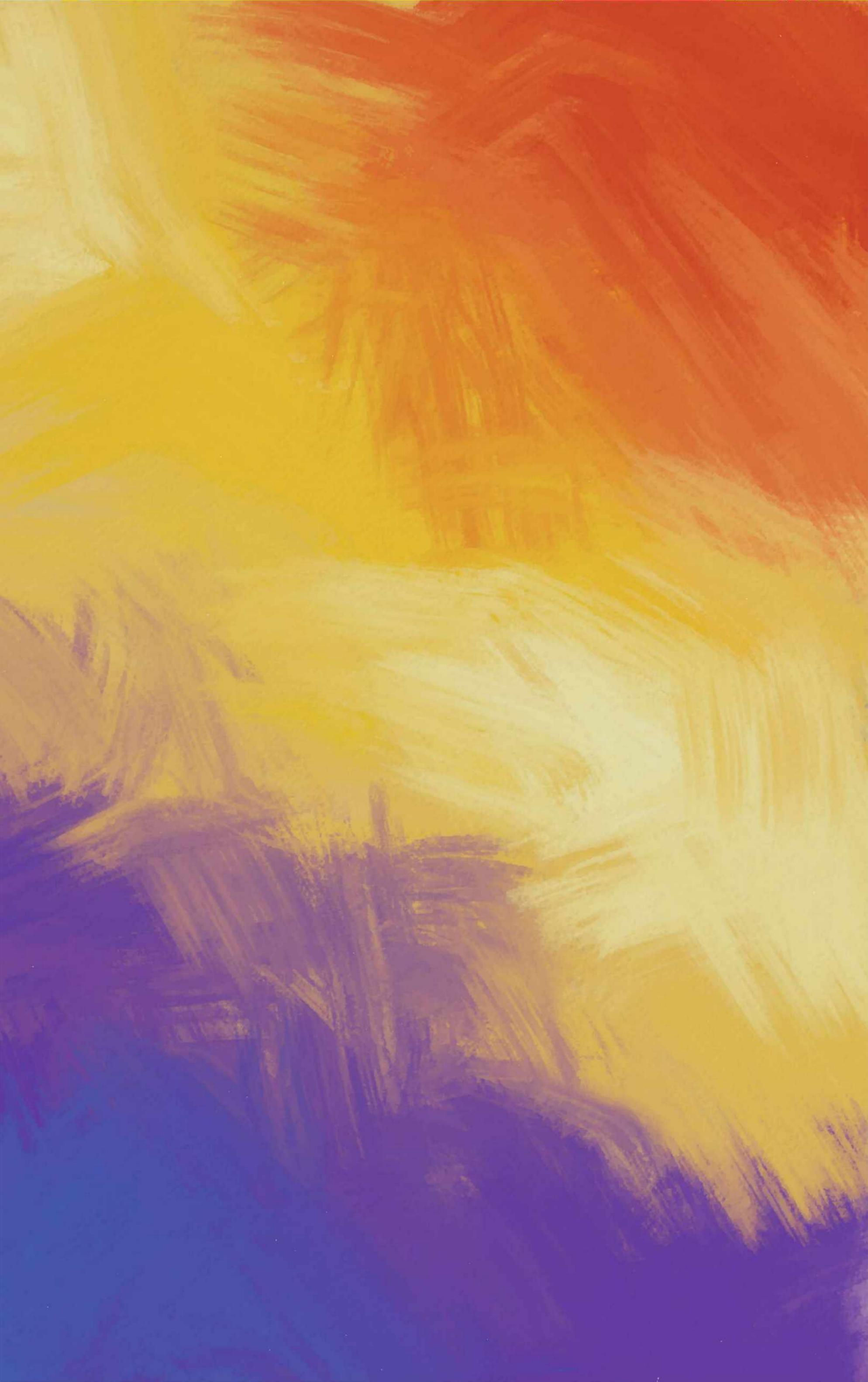
Acordou e era tarde. O céu exibia cores alaranjadas além da usual neblina. Ela olhou em direção aos ovos e não os encontrou.

Levantou-se para rodear o ninho, mas sob suas pernas pendiam apertadas correntes; sob suas asas fechavam-se cordas e mais cordas, sob sua boca também. Havia sido emboscada. Não estava no ninho, estava novamente sob a maldita construção dos humanos.

Viu seus ovos sendo levados no topo dos cavalos, também içados por cordas. No momento certo, com todo o cuidado do mundo, iria se desvencilhar das correntes, e como um raio iria abocanhar suas crias e voar para longe dos homens para sempre.

Mas os homens haviam bebido demais na noite anterior e os ovos, mal presos às cordas, tombaram quando foram de encontro à uma rocha que havia no percurso, rolaram libertos no chão, e escorregaram no topo do desfiladeiro até o fundo das montanhas, sumindo na neblina. Desapareceram.

Abigail não conseguia crer. Num rápido movimento, içou as asas e levantou as correntes, destruindo a estrutura. Os homens pararam a caravana, despreparados; levantaram seus ferrões mas era tarde. Ela se desfez das amarras, fulminando tudo ao seu redor, e tudo se desfez num enorme jato de fogo.



Abigail, perdida de si, enraivecida, em cólera, perdeu a única coisa que tinha em vida. Rugiu, rugiu, rugiu e tingiu os ventos de vermelho e negro. Cinzas caíam e se misturavam à nevasca; o gelo foi derretido à milhas dali.

Ela cruzou os céus, atravessou os alpes, as montanhas, e rumou em direção ao lago dos homens, e despejou sob eles uma chuva flamejante que destruiu tudo e todos à sua volta.

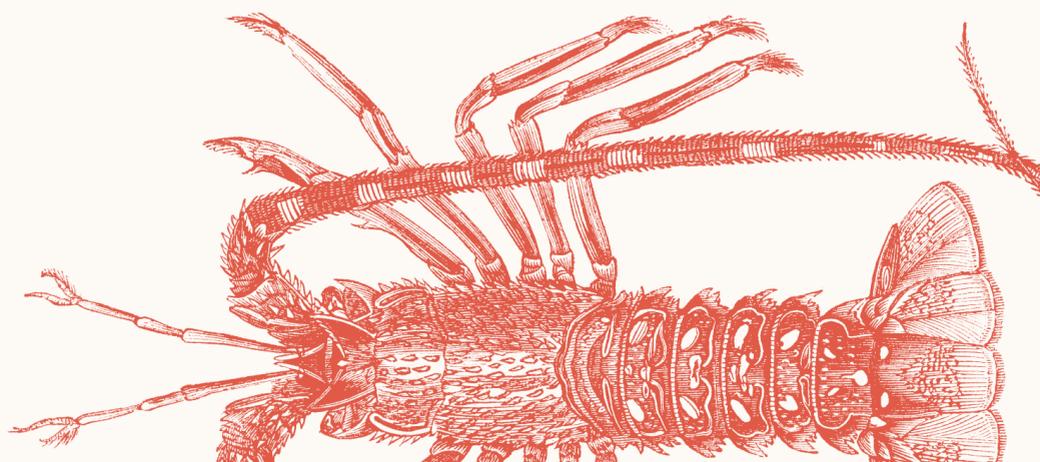
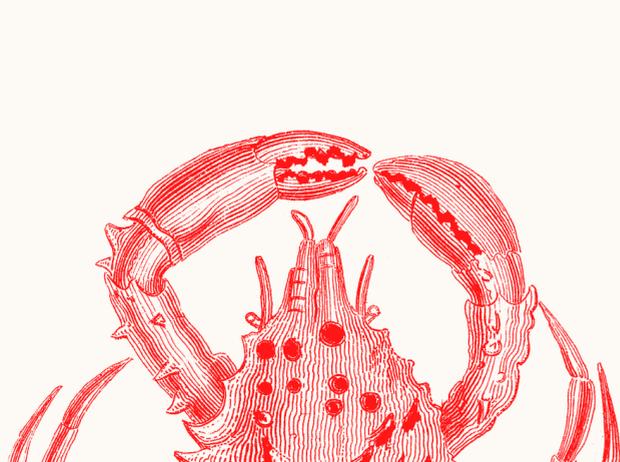
Abigail subiu aos céus, e deste dia em diante, os antigos à conhecem como a Duquesa.



O Jangadeiro

Fumaça ao horizonte cobria o sol de fuligem. O laranja do entardecer confundia-se com fogo se alastrando. E as ondas são mensageiras que hora levam, hora trazem mensagens do mundo dos mortos para o mundo dos vivos. Não faziam milagre - não usualmente. Não eram curandeiras, mas davam mais do que tiravam; isto é o que sente o povo do mar. O povo do mar assistia agora a mensagem trazida vinda das ondas, num vai e vem que calha de ser eterno: o oceano é a única coisa que dura, suas águas banham o homem que nasce e levam o homem que descansa. É o que sente o povo do mar.

Nada se perde para o mar, nem para o povo do mar. Quando a lagosta-do-lodo-branco perde sua casca, se mete logo numa garrafa jogada na areia e fica com ela até o fim da vida. A embarcação que vinha adiante e logo aportaria desconexa na costa viraria um banquete para o povo do mar, assim como é a baleia que recosta no fundo do mar e serve de alimento para os peixes.



O povo do mar não pilha, mas reaproveita; não revira túmulos, mas dá vida nova ao que seria esquecimento. Não existe uma palavra para “lixo” para o povo do mar. Não porque o consomem, mas porque não o produzem. Entendem que o ciclo trará de trazer e levar de volta, e este é o fluxo dos mares.

É o que sente o povo do mar. Os mais velhos sobem primeiro, pois conhecem mais as diferentes formas de embarcações. Esta que vem vindo é uma fragata, que é um antigo navio de guerra. Três velas, das quais uma tombada; poucos canhões, o que diz que apesar da aparência ameaçadora não era capaz de se sair bem em uma luta séria.

Esta fragata foi abatida, sim, e como foi; mas aparentava intacta. Sobem as mulheres após os velhos. E constatam como está intocado o convés, limpo o assoalho, firmes as cordas. Não poderiam ser os primeiros a embarcar. Antes deles, o que haveria?

Após as mulheres, levantam-se as crianças, que sendo ágeis e hábeis mais que seres adultos, encontram um balde cheio de ostras aqui, uma garrafa de rum acolá. Sal para manter os mantimentos frescos, e dentro do sal, mantimentos frescos. No derradeiro fim, eis uma deriva como qualquer outra na história do povo do mar. Apesar desta estar um pouco mais segura intocada pelo mar do que outras.



O que teria acontecido? O povo do mar costuma derreter o aço, fundir o ferro, desmontar a madeira fina para construir pequenas mas numerosas jangadas pesqueiras, e dessa maneira a alma da embarcação vive vida nova. Mas os velhos ranzinzas proibiram.

E disseram, desçam todos, pois se o mar não se importou de esculpir nesse barco, embora agora dele fosse e não dos homens, quem somos nós para interferir? As águas não desejam esse peixe; e o peixe que rejeitam encalha na areia e vira comida de abutre, não de gente. Deixem que o tempo decida o que fazer com esse grande peixe. Embora tenha chegado até aqui, daqui não é nem pertence.

E foram embora. Carregaram o que podiam comer e beber. Não profanaram os quartos, não romperam trancas de cabines trancadas, não buscaram gente. Não havia sinal de tripulante algum, em lugar nenhum, em qualquer estado.

E o mar tratou de, a cada vai e vem das ondas, remover a fragata de tão próxima do povo do mar e levar para o longe, mas não tão longe. E, de canto de olho, todos os navegadores miravam aquele que era o peixe intocado. Muitos o odiavam. Sonhavam em queimá-lo e culpar o sol.



Um dos jangadeiros odiava mais que os outros a fragata, pois havia nascido sob o sal do povo do mar e não um grande velejador, dono de uma enorme fragata que cruzava os mares, quão numerosos fossem. A inveja o consumiu por meses, inoculada feito bicho de pé que dá na areia, até que o jangadeiro subiu na embarcação e riscou um, dois, três fósforos e derramou gim no assoalho. O jangadeiro se viu domador do oceano. Nenhuma água era por demais salgada, nenhuma areia era por demais áspera. Içou velas, poderoso, dono de tudo.

O mar assistia, as águas não esquecem. E lembravam que uma praga residia nas profundezas da fragata, dentro da cabine do capitão. Tempos atrás, havia consumido seu corpo, e ele anunciou: abandonem o barco, todos, pulem por suas vidas, remem para longe daqui. Pois possuo a praga e agora caio enfermo. Esta fragata é minha lápide, e a praga se alastra pelas suas entranhas; está entre os vãos da madeira, na ponta do prego, corrói a seda da vela. Vão embora, meus irmãos, vivam uma boa vida; não sabem o quão próximos estiveram de perdê-la.

As águas se lembram. Lembram dos tripulantes jogados ao mar, nadando para mais longe possível, o ar rarefeito nos pulmões. O barco amaldiçoado pairando sob o meio do nada. Eventualmente, o sol arderia um pouco a construção, mas não o suficiente para transformar a praga em cinzas, e as cinzas navegarem pelo ar, e o ar aportar as cinzas em terra firme, novamente tornando-as praga e causando a morte de muitos.

Não; isso foi trabalho de um jangadeiro, que, orgulhoso, agora rumava em direção ao povo do mar.



Histórias pra gente Entocada

por Levis

"Histórias pra Gente Entocada"

Escrita, diagramação e design por Levis

Revisão por lesse Santos

Dedicado à todos e todas que apesar de tudo, ainda apostam na arte

Obrigado você pela leitura. Fique em casa e em segurança!

Esse livro foi escrito e projetado durante uma semana de Maio de 2020. Direitos Reservados ao autor.

Imagens retiradas do site Freepik.com

Visite-me em **farofinhas.site**

levisporto14@gmail.com

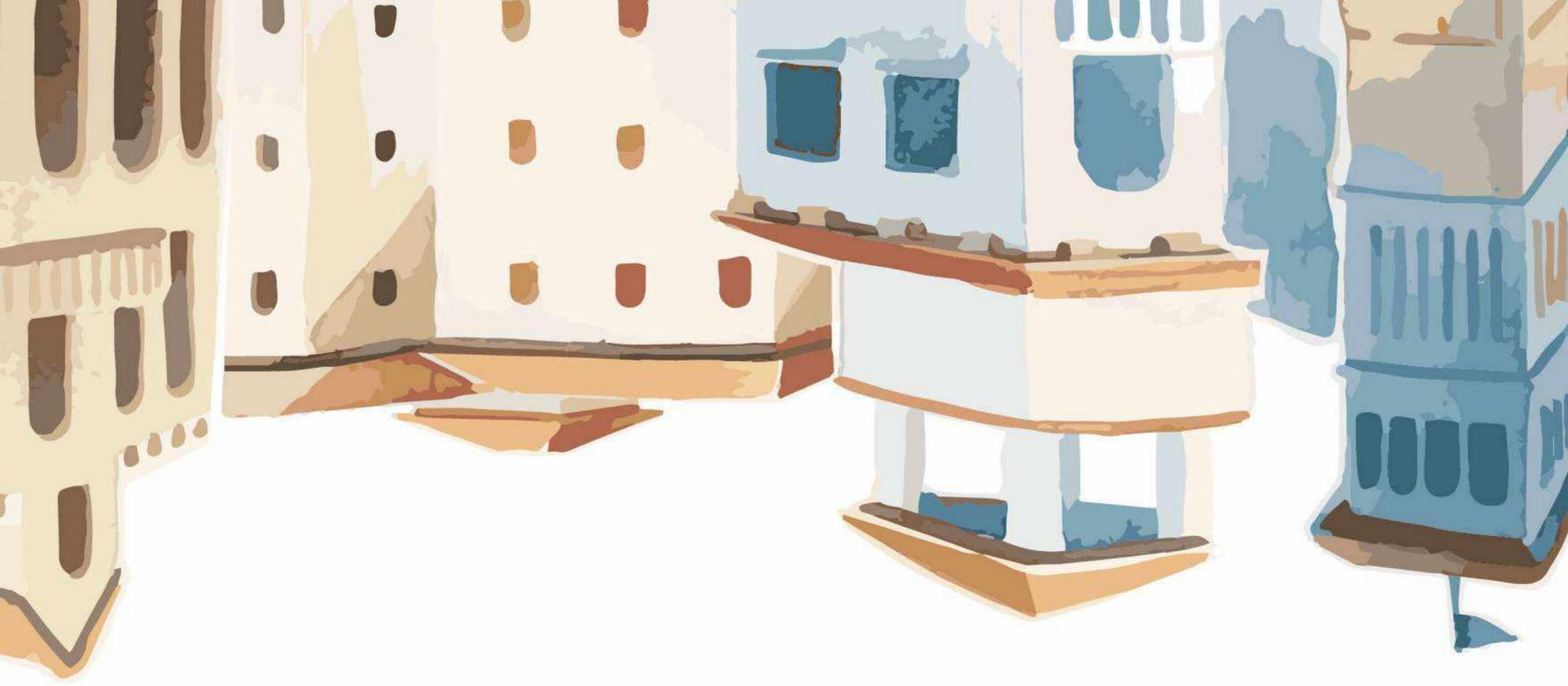


**Espero que
tenha gostado!**

:)

Dúvidas, sugestões, críticas, convites pra ensinar, fazer arte ou design (ou só comer um lanche?)

levisportoll@gmail.com



Fortaleza

2020

